

## Sobre o conceito de natureza humana de Pródico de Céos: Uma breve genealogia

*Vinícius Ferreira da Paixão<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este estudo traça a evolução do conceito de natureza humana, desde o corpo homérico até Galeno de Pérgamo. Na *Ilíada* e *Odisseia*, a natureza humana era vista como essencialista e unitária, com características imutáveis presentes em todos os seres humanos. Filósofos como Pródico e Antífonte discutiram a moldagem da natureza humana pela educação e a igualdade entre os homens. Já Galeno considerava a descendência como fator determinante da natureza humana. O presente artigo demonstra a polissemia e a complexa história do conceito, com implicações para diversas áreas do conhecimento, como biologia, medicina, direito e filosofia. Conceitos atuais como o início da vida, a eugenia e a estética em cirurgias plásticas são conceitos tributários da ideia de natureza humana. A natureza da humanidade é complexa e multifacetada, abrangendo aspectos físicos e intangíveis. Para demonstrar o potencial dessa reflexão são propostos dois experimentos mentais um sobre o Navio de Teseu e o outro sobre um Zigoto Sintético, que desafiam as noções tradicionais de identidade humana ao destacar a natureza dinâmica e contextual da existência humana que convidam a reconsiderar os critérios que definem a natureza humana e a abrir caminhos para compreensão mais inclusiva do que significa ser humano.

**Palavras-chave:** Homero. Início da vida. Cirurgia plástica. Navio de Teseu. Zigoto Sintético.

**Abstract:** This study traces the evolution of the concept of human nature from the Homeric body to Galen of Pergamon. In the *Iliad* and *Odyssey*, human nature was viewed as essentialist and unitary, with immutable characteristics present in all human beings. Philosophers such as Prodicus and Antiphon discussed the molding of human nature by education and the equality of men. Galen, on the other hand, considered descent to be the determining factor of human nature. This article demonstrates the polysemy and complex history of the concept, with implications for various fields of knowledge, such as biology, medicine, law, and philosophy. Current concepts such as the beginning of life, eugenics, and aesthetics in plastic surgery are concepts that owe their origin to the idea of human nature. The nature of humanity is complex and multifaceted, encompassing both physical and intangible aspects. To demonstrate the potential of this reflection, two thought experiments are proposed: one on the Ship of Theseus and the other on a Synthetic Zygote. These experiments challenge traditional notions of human identity by highlighting the dynamic and contextual nature of human existence, inviting us to reconsider the criteria that define human nature and to open paths to a more inclusive understanding of what it means to be human.

**Keywords:** Homer. Beginning of life. Plastic surgery. Ship of Theseus. Synthetic Zygote.

<sup>1</sup> Graduando em filosofia na FAJE. Doutor em bioquímica pela USP, Mestre em biologia celular e estrutural e graduado em bioquímica pela UFV. Pesquisa realizada como bolsista no Programa de Iniciação Científica da FAJE, no período de 1/9/22 a 31/8/23, sob orientação do professor Bruno Batista Petersen, inserida no projeto de pesquisa Ceticismo e os Limites da Razão: um debate da história do ceticismo a luz dos desenvolvimentos da ciência.

## Introdução

Recrutar o conceito de *natureza humana* é uma característica comum dos discursos políticos, morais, filosóficos e está cristalizado nas proposições mais fundamentais de diversas ciências. Isto deve-se em grande parte à suposição generalizada de que as verdadeiras afirmações descritivas, ou explicativas, que fazem uso do conceito de natureza humana têm, ou teriam, um significado normativo considerável. Ou seja, faz-se um uso quase que axiomático do conceito de natureza humana.

O próprio Aristóteles vai afirmar, por exemplo, na *Ética a Nicômaco*, que “é próprio da *natureza humana* não enjeitar a ajuda de um filho” livro VIII, 12 (ARISTÓTELES, 1991, p.195). Ou ainda que “é próprio do homem culto buscar a precisão”, livro I, 3 (ARISTÓTELES, 1991, p.7). Ele o faz com objetivo de estabelecer que tais atitudes e comportamentos são universais e por isso não estariam submetidas ou seriam dependentes de algum condicionamento.

O conceito de natureza humana tenta responder uma das perguntas mais fundamentais elaboradas pela humanidade. Tal pergunta é anterior à passagem do mito ao logos, na filosofia, possivelmente anterior à escrita. Trata-se de uma dúvida de origem tão remota que alguns autores não temem afirmar que ela é feita “desde os primórdios da humanidade” (OLIVEIRA; RIBEIRO *in* Vaz, 2020, p.11): *o que é o ser humano?*

Na tentativa de responder sobre o que seria o ser humano o pensamento ocidental tentou encontrar aquilo que seria próprio, imutável do ser humano. A pergunta sofrera então um *aggiornamento* ao longo da antiguidade para: *que é a natureza humana?*

A pergunta sobre a natureza humana passaria então por um grande percurso. Ela percorreria desde sua formulação no ocidente, nos primórdios da filosofia naturalista, um caminho fértil interrogando o pensamento de praticamente todas as escolas filosóficas. Ela obteria várias respostas, mas sem esgotá-la e chegaria à sua fragmentação e, quiçá, ocaso.

Hannah Arendt, em seu livro *A condição humana*, criticando Agostinho, será enfática ao afirmar tal ocaso do conceito de *natureza humana*. A filósofa contemporânea será categórica ao afirmar que a questão “parece insolúvel, tanto em seu sentido psicológico como em seu sentido filosófico geral” (ARENDT, 1995, p.18). Além disso, a questão, segundo Arendt, não só provisoriamente, tem interdita qualquer tentativa de respondê-la: “seria como pular sobre nossa própria sombra” e “tentativas de definir a natureza humana levam quase invariavelmente à construção de alguma deidade” marcada por ser “uma espécie de ideia platônica do homem” (ARENDT, 1995, p.19).

Antes de Hannah Arendt, David Hume afirma que, partindo de um materialismo ontológico, existe um conceito de natureza humana. Porém ele o faz com ressalvas. Hume defende que pensamentos anteriores depositaram diversos equívocos no conceito de natureza humana, que ele chamou de *falácia naturalista*. Falácia essa que permitiu Hume perceber que o conceito de natureza humana que o alcançou era uma “demonstração, por redução, ao

absurdo da pretensão de concluir juízos de valor a partir de juízos fácticos”, com isso foi-se sedimentando no conceito a essência desses diversos juízos (BRITO, 2010, p. 216).

Como perceberam Hume e outros filósofos, as sucessivas tentativas de estabelecer um conceito de natureza humana ao longo da história da filosofia gerou uma robusta polissemia. Paralelamente, com o estabelecimento das diversas ciências, para cada recorte próprio de cada uma dessas ciências foram sendo recrutados e recuperados *momentos* do conceito de natureza humana. Ou seja, conceitos de natureza humana foram cristalizados como basilares de diversos conceitos tributários nessas ciências. Sob a perspectiva da evolução do conceito, esses saberes foram desenvolvidos sobre um *momento do conceito* e desvinculando-se da evolução dele. Esses foram e são a origem de uma gama de questões na vida humana, raiz de várias oposições declaradas na atualidade entre proposições nas ciências duras.

A hipótese deste trabalho é justamente entender e procurar reconstituir a história do conceito de natureza humana, podendo ser um caminho para compreender a sua polissemia atual e compreender querelas entre os conceitos tributários. A partir dessa compreensão será possível mapear regiões de sobreposições, contraposições e contradições entre ciências distintas e conflitantes e estabelecer interfaces que permitam ampliar o diálogo entre a filosofia e várias ciências. Por isso, decidi fazer uma “arqueologia”, ou pode-se chamar também de “genealogia”, desse conceito: natureza humana. Acompanhando-o cronologicamente, por um período determinado, mais especificamente do seu primeiro registro na antiguidade clássica grega até o início da era cristã.

No percurso desse trabalho proponho remontar ao surgimento da questão sobre o que é a *natureza humana* e as respostas que a ela foram elaboradas, bem como a conceituação em algumas obras, passando por alguns elementos presentes na literatura clássica e na filosofia até a elaboração do conceito de natureza humana e sua cristalização em algumas outras áreas do conhecimento humano como as ciências médicas. Em especial, interessa o quanto esse conceito está ligado aos conceitos tributários e elementos de controvérsias como os conceitos de vida, morte e reprodução humana. E por fim proponho dois experimentos mentais que podem despertar novas perguntas ou novas perspectivas para se perguntar sobre o conceito de natureza humana.

Como ponto de partida deste trabalho é importante eliminar a possível ambiguidade do marco inicial adotado. Não parto da origem etimológica do conceito de *natureza* (tradução do latim para o português de *natura*, que por sua vez foi uma tradução do termo amplamente utilizado pela filosofia clássica como *physis*) como uma oposição ao conceito de arte e artesanato (KESSELRING; VEIGA-NETO, 2000, p.153). Parto do que fora inicialmente tido como a primeira formulação da questão filosófica naturalista do *anthropinê physis* ou *perí physeos anthrópou* atribuído a Pródico de Céos (c460 – 360 a.C.). Partindo daí sigo as citações sobre Pródico até o uso indireto dele por Galeno de Pérgamo (129 - c216 d.C.) e o *corpus hipocraticum*. Assim poder-se-á delimitar quais foram os elementos que foram sendo

atribuídos ao pensamento de Pródico e identificar a “pedra de toque” do conceito de natureza humana para melhor compreender seu desenvolvimento.

## 1 O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA NO CORPO HOMÉRICO

Para entender os possíveis elementos antecessores do conceito de natureza humana que habitava o espírito grego antigo podemos recorrer às fontes mais primárias da literatura grega. As grandes obras *Ilíada* e *Odisseia*, foram compostas na segunda metade do século VIII a.C. e narram, em versos, episódios decorridos durante as batalhas de Tróia e seus eventos associados; ambas “constituem os mais antigos documentos literários gregos (e ocidentais) existentes hoje, datados entre o final do século VIII a.C. e início do século VII a.C.” (CASTRO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011, p.799).

Nelas são encontrados elementos difusos que ajudam remontar as ideias que ajudam a explicar e a remontar uma possível compreensão de uma natureza humana essencialista. Como pode-se constatar na afirmação sobre a *areté* em Homero feita por Adriana Tabosa: segundo ela, o “ideal de areté *reside*” no ser humano mortal, “ela é o próprio homem mortal” (TABOSA, 2011, p. 163). Notam-se elementos que apontam para uma natureza humana imamente e monolítica. Essa natureza não distingue o corpo daquilo que viria ser denominado como *características da personalidade*, sentimentos e emoções.

Na *Ilíada* e *Odisseia* existe uma especificidade de conter e fazer de um órgão, ou região específica do corpo, associada a determinada característica, ideia ou modo de agir (e correspondente hoje ao que chamamos de processo psíquico). Seria então o corpo humano mortal dotado de uma natureza única que contém alguns polos mapeáveis: *kradie*, *ker* e *etor*, sinônimos de coração, seria a sede de órgão físico e sentimentos e afetos; *thymos*, como motor do movimento e da ação corpórea e órgão das emoções e ímpeto; *phren*, que pode ser descrito como presente na região do diafragma, estaria associado ao intelecto e ao pensamento em ação; *noos*, que também estaria localizada no peito humano e onde estaria o ato de pensar de maneira mais abstrata (CRIVELLATO; RIBATTI, 2007; IVANOVIC-ZUVIC, 2004; REALE, 2002; PORTO *et al.*, 2001; SNELL, 2001).

No corpo homérico encontramos elementos correlacionados, neles observam-se que estruturas fisiológicas do corpo estão em continuidade com o que atualmente chamamos de atividade psíquica, emoções e sentimentos. Nota-se uma pretensão universalista, na qual as características advindas dessa natureza são manifestas, em maior ou menor grau, em todos os seres humanos independente de cultura, lugar ou outros atravessamentos históricos. Podendo-se assim delimitar alguma percepção do que seria formulado como sendo uma natureza humana composta por diversas características, mas essencialista e unitária. Com isso podemos pressupor que essas percepções seriam então reunidas sob um potencial conceito de natureza humana, às vezes dito como corpo humano, que permeará o espírito grego na antiguidade.

## 2 AS CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA A PARTIR DE PRÓDICO DE CÉOS ATÉ GALENO

Pródico de Céos (c470 – c360 a.C.) e Antifonte (480 - 411 a.C.) são os mais antigos filósofos citados como tendo a primazia de afirmarem algo sobre a natureza humana. As citações que levam a eles, com certa margem de segurança, permitem estabelecer o século IV a.C. como o momento do marco da elaboração filosófica de um conceito de natureza humana. Existe conservado um *fragmento de Antifonte*<sup>2</sup> que afirma que, pela natureza (*physei*), gregos e bárbaros são iguais (Gagarin, 2002, p. 86.). Porém tal afirmação, presente no fragmento 44 de *Acerca da Verdade*, não foi mais identificada como sendo citada e retomada em escritos posteriores.

Por outro lado, citações que se referem a um *tratado* escrito por Pródico de Céos foram feitas ao longo de toda a antiguidade clássica e chegando nominalmente ao século II d. C. com Galeno de Pérgamo (DK, 84, B, 4). Será o próprio Galeno que atribuirá a Pródico a primazia de formular um “tratado sobre a natureza humana” (*De virt. phys.* II, 9). Porém, o texto de tal tratado jamais chegou a ser identificado ou minimamente reconstituído, mesmo que por fragmentos, apenas seu conteúdo.

Pesquisas sobre a obra de Pródico chegaram a construir três possibilidades: uma lista reconstituída de *três possíveis textos*. Apesar de tais nomes não aparecem completos em nenhum relato posterior, seriam eles: “sobre a natureza do homem” (*perì physeôs anthropou*), “sobre a natureza” (*perì physeôs*) e “as estações” (*Hórai*), sendo que os dois primeiros foram ditos por Galeno e o último tem como fonte o apólogo de Héracles na encruzilhada citado por Aristófanes (AGUILAR, 1965, p.12).

Foi possível identificar três correntes que acessam as ideias de Pródico, uma que parte de uma certa perspectiva sobre o grupo dos sofistas, outra ligada ao veio Socrático-Platônico da filosofia e uma outra via literária.

A tradição de estudiosos sobre os sofistas (como Dupréel, Untersteiner, Catudella, Nestle e Schmid) concordam que o tratado sobre a natureza humana existiu, porém não tem consenso sobre se tal obra estava num texto único, ou conjunto com os outros dois textos (*apud* AGUILAR, 1965, p.14). Nesse texto, daqui por diante, chamaremos esse conjunto teórico dos três textos de *tratados de Pródico*.

Uma outra corrente filosófica situará Pródico não tão ligado ao grupo dos sofistas, mas relacionado a Sócrates. Segundo os textos da juventude de Platão (c428 – c348 a.C.), Pródico era interessado pelo uso correto das palavras, a sinonímia (*orthoepeia* e *orthotes onomaton*), e defendia que empregá-las corretamente seria o segredo da educação. Registro que se pode observar no diálogo Protágoras, 337 (PLATÃO, 1987, p. 97) Já no diálogo Crátilo, 384 b, é dito que Sócrates não conseguiu aprender toda a lição de Pródico sobre *a verdade no uso correto das palavras* (PLATÃO, 2002, p.153). E que seria Pródico o propositor da *justa medida*

2 Papiro de Oxirrinco X, n. 1364 (Hunt), Frag. B. col. 2 (DK 87, B, 44, B2).

no que se refere ao uso da linguagem vocabular num discurso descrito no diálogo Fedro, 267b (PLATÃO, 1991, p.142). Apesar de citar Pródico, não há em nenhum escrito de Platão alguma relação entre o pensamento de Pródico e a conceituação de natureza humana.

Por outra corrente, a via literária, chegamos à obra do dramaturgo Aristófanes (c447- c385 a.C.). Ele narra que Pródico aparece como um sábio e atribui a ele a parábola sobre “a escolha de Héracles na encruzilhada”, a qual foi retomada ao longo da história por diversos pensadores no campo da ética, pelo apólogo do jovem Héracles. Nela, segundo Aristófanes, Pródico sugere com o mito de Héracles a existência de dois caminhos na vida, *areté* e *kakia*. Por um caminho, *kakia* (vícios), o corpo não pode ser controlado, mas será rico em prazeres. Por outro caminho, *areté* (virtudes), tem-se o domínio do corpo, todavia marcado pelos desprazeres. Segundo a deusa que apreze a Héracles “se queres ter o domínio do teu corpo, debes habituar-te a submeter o corpo ao espírito e a exercitá-lo com fadigas e suores”. Com esse pensamento pode-se, com base na doutrina sofística, interpretar que aqui surge, em algum grau, *uma liberdade de escolha* intrínseca à natureza humana, pois há a possibilidade de escolher como viver. Entretanto, ainda dentro de uma perspectiva de causalidade, a depender da escolha as consequências são bem distintas, sem perder de vista que existe um caminho mais idôneo: *areté* (SOUZA, 2021, p.56).

Posterior, mas tributário do veio platônico, a escola epicurista, Filodemo (c110 - c 40 a.C.), atribuiu a Pródico uma “visão humanista dos deuses” e divinizada da natureza. A origem dos ditos deuses seriam, na verdade, memórias de *antigos notáveis pelas suas descobertas*. As divindades seriam pessoas que foram úteis e honradas e que passaram a ser chamadas de deuses, como dito em Da piedade, 453, 9,7 (DIRK, 1996, n.p). Segundo Romeyer-Dherbey (1986, p.61) elementos como esses remontam e permitem reconstituir algo do pensamento de Pródico e dos seus tratados. Pode-se então entender o conceito de natureza humana que contém inclusive uma cosmogonia própria, seriam então a natureza humana a natureza originária dos deuses. Essa cosmogonia de natureza humana explica, inclusive, uma citação aparentemente contraditória de Pródico feita por Sexto Empírico. Nela Sexto arroga a Pródico a originalidade de fazer uma *leitura divinizada da natureza* ao considerar os fenômenos e elementos (rios, lagos, prados, frutos) da natureza como divinos. Haveria uma cosmogonia prodiciana que considera serem de naturezas divinas *physeôs* e *anthropou* (Souza, 2021, p.66). Um conceito de natureza humana que não busca um aprofundamento ou uma contraposição ao conceito de natureza divina para se chegar a uma maior compreensão do que seria a natureza humana. Pródico, a partir de Filodemo e Sexto Empírico, vai na direção contrária de muitos outros pensamentos: seriam os deuses um aprofundamento da compreensão da natureza humana e não o contrário.

Percorrendo o fio de Ariadne das citações sobre Pródico de Céos chega-se à entrada do labirinto: Galeno de Pérgamo (129 - c216 d.C.). Considerado um dos mais importantes comentadores de Hipócrates, Galeno julgava que estava na coleção hipocrática (ideias e conceitos) o mais substancial tratado para se compreender o ser humano: *Da Natureza do Homem*. Galeno teve tal tratado como fundamental para seu pensamento, apesar de não o

acolher integral e canonicamente, o mesmo aconteceu com os textos do *Corpus hippocraticum* (CAIRUS; RIBEIRO, 2005, p.25).

Galeno afirmará em *Dos Métodos Médicos* o seguinte: “O leite é melhor se mamar diretamente da teta, como pensam Êurifon, Heródoto e Pródico” (PINTO, 2005, p.157). Esta afirmação é muito semelhante e complementar a outra afirmação presente no *corpus hipocraticum*: “primeiro, é evidente que o homem, enquanto vive, tem sempre todos estes humores nele. Depois, ele nasceu de um ser humano que os tinha a todos, *foi alimentado no seio de um ser humano* que os tinha a todos” (CAIRUS, 1999, n.p). Essas citações feitas por Galeno e no *corpus hipocraticum* que remetem a Pródico podem ser compreendidas *como um argumento de autoridade*. Nesses textos o conceito de natureza humana passa a *incluir uma descendência*. Esse fato constitui que chamo aqui de “contexto humano precedente”, no qual, sem se preocupar com uma origem da espécie, haverá um contexto humano precedente no qual o ser humano será inserido. Ou seja, para um corpo vivente existirá uma gama de relações e propriedades de que se nasce portador. Elas serão e estabelecerão o contexto, as relações-contexto. Pode-se entender como exemplos dessas relações-contexto a amamentação e alimentação, que evidentemente vão compor o conceito de natureza humana: nasce-se humano e torna-se humano pelo contexto humano no qual se nasce, não se trataria de um argumento circular, mas um sistema circular.

Assim pode-se, com uma boa margem de segurança, afirmar que o conceito de natureza humana que vai se desenvolvendo pelo fio condutor do pensamento difundido de Pródico de Céos tem uma percepção centrada numa essência corpóreo-psicológica para uma natureza humana que tem como cerne uma circularidade na qual humano é aquele que vêm de outro humano e se integra no contexto humano pré-existente.

### 3 CONCEITOS TRIBUTÁRIOS DOS CONCEITOS DE NATUREZA HUMANA

Existem ainda hoje diversos conceitos fundamentais que atravessam a realidade que são tributários por terem nas suas bases, direta ou indiretamente, momentos do conceito de natureza humana. Para compreendê-los será utilizada a mesma metodologia buscando identificar em que momento do percurso do conceito de natureza humana estaria o nó que os conecta.

Tem-se aqui o esforço de relacionar esses conceitos tributários com a genealogia já apontada do conceito de natureza humana. Isso por ser anterior à reflexão feita na idade média e às correntes modernas e contemporâneas que tomaram caminhos distintos, essencialistas e não-essencialistas. Outro ponto a se ter em mente é que muitos desses conceitos tributários foram construídos nesse percurso e tomados correta e incorretamente. Isso para ora justificar e consolidar uma gama de outros conceitos basilares, ora para explicar antagonismos. Esse caminho de investigar é promissor, pois com a secularização e o crescimento da *cultura da ciência* podem ter pontos de sobreposição com ideias clássicas, sobretudo as ideias mais naturalistas (SANTOS, 1999, p. 112).

### 3.1 SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA E A DETERMINAÇÃO DO INÍCIO DA VIDA HUMANA E QUESTÕES ÉTICAS

O início da vida, a manipulação genética em embriões e a eugenia são mais do que questões restritas à biologia ou outras ciências correlatas que aguardam um consenso futuro com o desenvolvimento técnico da área. Temos aqui perguntas objetivas (como quais os marcos, quais os limites e critérios) que revelam a ausência de consenso e um movimento afastamento e acirramento de posições. As respostas dadas, por exemplo, sobre qual seria o marco do início da vida de um embrião mergulha numa miríade de marcos e critérios, alguns desses inclusive recrutam o conceito de natureza humana para tentar construir um *conceito de origem e viabilidade* da vida humana (BARRETTO; LAUXEN, 2017, p.6; GOLDIN, 2012, p. 31). A discussão deste tema recruta o conceito de natureza humana, porém existe um risco de reduzir a natureza humana e fazer de todo embrião um evento de criação *ex nihilo* descon siderando a origem a partir dos gametas paternos e a *constituição de um indivíduo*, pois não existe nenhuma dúvida de que, dentro do processo reprodutivo humano, não há nenhuma etapa que transcorra fora do *contexto de vida*. Chamo de contexto de vida a visão global dos processos dos seres vivos e dentre esses processos existe aquele que gera outros indivíduos: a reprodução, passando pelas células vivas dos gametas gerados no interior corpo vivo dos genitores, gametas esses que, se vivos, se unem na fecundação formando uma unidade chamada zigoto, que por sua vez, multiplica suas células, mas isso graças a um contexto de vida chamado de gestação, ou seja o indivíduo surge a partir de vidas precedentes cercado e nutrido por uma vida precedente, ou por uma estrutura protetora gerada por um ser vivo como no caso das aves e seus ovos. Não há aqui, em última análise, uma questão quanto à origem de uma vida, todavia há a questão sobre a origem de um indivíduo humano. A melhor investigação a ser feita nessa discussão seria perguntar-se quanto à origem do indivíduo dentro do conceito de natureza humana, mesmo que essa discussão sobre a origem seja tão paradoxal como na teoria do Big Bang em que, quanto mais próximo do marco inicial, maiores as incertezas. Assim como a origem da vida humana, nos debates (inclusive ético-jurídico) sobre manipulações do indivíduo humano, reprodução assistida através de fecundação *in vitro*, gestação em útero artificial, intervenções terapêuticas intrauterinas bem como a interrupção da gestação são todas questões que por sua vez inexoravelmente recorrem de modo tributário a um conceito de natureza humana.

Como exemplo desse inevitável recrutamento temos, nesse contexto, a citação de um artigo que trata de perspectivas ético-jurídicas no contexto dos avanços biotecnológicos: “a *natureza humana* é constituída pelas propriedades essenciais dos seres humanos e determina seu estatuto, que corresponde ao lugar na escala dos seres e na natureza” (BARRETTO; LAUXEN, 2017, p.2). Nessa citação podemos perceber o uso direto do conceito de natureza humana como um conjunto de propriedades essenciais, ou seja, um uso essencialista. O mesmo acontece em outro trecho do artigo que se busca a definição do marco inicial da vida:

no âmbito dos avanços biotecnológicos. Em que pese a importância do progresso da ciência no âmbito da saúde e da vida humana, in-

quietações decorrem das crescentes possibilidades de interferência no embrião, tais como manipulação genética, criopreservação, seleção, destruição, descarte, ingerência na natureza humana (BARRETTO; LAUXEN, 2017, p.2).

Numa tentativa de aprofundamento, poder-se-ia perguntar quais são essas *propriedades* a que os autores se referem e que não são esclarecidas ao longo do texto do supracitado artigo.

A pesquisadora Maria José Rosado-Nunes identifica um uso do conceito de natureza humana de forma *axiomática*. Ela aponta que nas discussões sobre interrupção provocada da gravidez, o aborto, há um atravessamento de diversas questões religiosas, políticas e ético-morais. E tais atravessamentos depositam suas esperanças num ponto de inflexão que seria o (já dito controverso) conceito de “começo da vida humana”. Para exemplificar melhor o grau de discordância dos marcos de origem da vida humana sustentados por diversas correntes sugiro a tabela elaborada pelo trabalho de Barretto & Lauxen que compila quais os marcos e seus critérios utilizados para estabelecer um marco inicial da vida humana. Porém, aquilo que Rosado-Nunes aponta é que nessa discussão existe uma petição de princípio. Nela existe um recrutamento de diferentes conceitos de natureza humana de forma axiomática e com eles há uma concatenação de conceitos tributários, todos de pretensão universalista, que se perseguem uns aos outros nos argumentos e conclusões.

Como prova de conceito<sup>3</sup> desse recrutamento do conceito de natureza humana, segundo a autora, “a autoridade da Igreja em questões éticas associa-se à desconfiança em relação aos valores morais da sociedade contemporânea e à proposição da universalidade de princípios estabelecidos como inerentes à natureza humana” (ROSADO-NUNES, 2012, p. 23).

### 3.2 SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA E A ESTÉTICA EM CIRURGIAS PLÁSTICAS

Encontra-se na Revista Brasileira de Cirurgia Plástica um artigo que discute sobre o uso de neurolinguística como método para compreender as expectativas e preocupações dos pacientes candidatos a uma cirurgia plástica, pois existem relatos de que o procedimento não atingiu os resultados esperados apesar do laborioso protocolo de preparação do processo. Essas decepções e êxito são desenvolvidas recrutando-se justamente o conceito de natureza humana. Ainda na introdução pode-se ver a seguinte citação: “as decepções podem ser

3 Uma prova de conceito é comumente representada pela sigla PoC (do inglês *proof of concept*) e trata-se de uma demonstração mínima da realização de um método ou ideia. Usa-se a PoC para se demonstrar a viabilidade de um princípio e ela tem como objetivo verificar se tal conceito, ou teoria, tem potencial prático. As PoCs são comumente usadas em vários campos, incluindo desenvolvimento de software, engenharia, ciência e negócios, para testar a funcionalidade, viabilidade e aplicabilidade de uma solução proposta antes de prosseguir com o desenvolvimento completo ou implementação (p.1301-1315; EUCHNER, 2013 p. 12-18; MUKHOPADHYAY & KEKRE, S, 2002).

subjetivas, inerentes à *natureza humana*, em permanente oscilação do objeto e a consequente sensação da falta” (CUNHA; UHLEMANN, 2018).

Os autores recrutaram para pavimentar o caminho do artigo o conceito de natureza humana, como pode ser observado como uma “pedra de toque”. Nesse recrutamento, também axiomático, vemos que se trata mais da concepção lacaniana de especificidade do objeto da angústia (PISETTA, 2009) e não um conceito essencialista de natureza humana. É notável aqui, como uma prova de conceito, o quanto o conceito de natureza humana tornou-se ainda mais polissêmico. Por outro lado, esse uso pode entrar em diálogo com o que foi apresentado sobre o conceito de natureza humana até Galeno, por exemplo, tendo-se formatos anatômicos e objetivos estéticos anatômicos em modelos já presentes no contexto humano.

### 3.3 SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA E O FIM DA VIDA HUMANA

Como quase todos os outros conceitos limites da vida humana, como doação de órgãos e tecidos, submeter-se a testes de novas drogas e tratamentos ou terapias experimentais, são eles conceitos tributários do conceito de natureza humana. Isso acontece por indução, uma vez que o próprio conceito de *fim da vida* é entendido ora como finitude intrínseca (percebida como sendo oposta ao conceito de uma *natureza divina e imortal*) ora como rito de passagem. Em ambos os casos, assim como no marco inicial da vida do indivíduo, existe um paradoxo sobre o marco do fim da vida do indivíduo.

Partindo-se da compreensão da morte como fim da vida oposta à imortalidade dos deuses, Cunha entende a afirmação de Epicuro dizendo que sobre os deuses que eles “seriam seres perfeitos que não se misturavam às imperfeições e às vicissitudes da vida humana” (CUNHA, 2010, p. 189). Seria, por oposição dual, a morte um elemento intrínseco da natureza humana que tem em si uma relativa imperfeição. A experiência de algumas áreas como as ciências médicas têm mostrado que este conceito, antes tido como um tabu, vem sendo alterado, pois os diversos avanços tecnológicos têm movido a percepção de algumas fronteiras. Tal situação perturba a realidade e “criou uma necessidade de alterar o *conceito de morte* que já não estava de acordo com a nova realidade” (GONÇALVES, 2007, p. 246). Nesse contexto em específico, discute-se sobre protocolos para a constatação de morte. Com alterações paulatinas nos processos e possibilidade de reversão do que antes era tido como plenamente irreversível, precisaram ser reelaborados diversos manuais, pois com o advento, por exemplo, da ressuscitação cardiopulmonar (RCP), o critério que antes era tido como sinal definitivo de morte, a parada cardiorrespiratória, pode agora ser contornado, o que esvaziou os antigos critérios para o estabelecimento da morte de uma pessoa (AMERICAN HEART ASSOCIATION, 2020).

Assim como o início da vida, a busca da precisão do marco do momento da morte permanece um tanto obscuro e paradoxal, quanto mais se aproxima menos perceptível fica. Porém, um diálogo com o conceito de natureza humana de Pródico de Céos a Galeno

poderia contribuir para essa discussão ao entender que o conceito filosófico de morte pode ser uma alteração das propriedades físicas e relações do indivíduo.

### 3.4 SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA HUMANA E ECOLOGIA E RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

O conceito de natureza humana de Pródico de Céos a Galeno teria algo a colaborar com as discussões atuais sobre a questão climática, ambiental e ecológica. Pois o conceito de natureza humana não é fechado em si como uma substância que existe por si como uma mônada, pelo contrário, no que pode ser remetido as ideias da antiguidade sabe-se que “na teoria de Pródico os elementos da natureza têm um importante papel: esses elementos da natureza existem e o homem seria o responsável por forjá-los [...], mas não necessária e unicamente utilitarista” (SOUSA, 2021, p.69). Pois seria parte da natureza humana um percurso no qual os indivíduos seriam divinizados por outros, por conseguir “decifrar os instantes e as manifestações da natureza” (SOUSA, 2021, p.70). Que poderia ser entendido hoje como uma preocupação e atuação natural ante a crise climática do planeta e uma existência harmônica.

Estes e outro diversos conceitos que hoje são tidos como conceitos críticos para a ética, bioética, política e economia são tributários do conceito de natureza humana. Um dos convites dessa perspectiva de observar a genealogia do conceito é justamente a de revisitar os conceitos tributários e que, a partir de pontos de coesão, como o fato de serem tributários do conceito de natureza humana, estabeleçam-se caminhos para crítica e diálogos construtivos.

## 4 DOIS EXPERIMENTOS MENTAIS A RESPEITO DA NATUREZA HUMANA COMO SENDO CONTEXTUAL

Partindo do que fora construído até este ponto lanço mão dos chamados experimentos mentais (BROWN; YIFTACH, 2023). Proponho aqui dois experimentos mentais para ilustrar a complexidade do problema do conceito de natureza humana e ao mesmo tempo estimular novas perspectivas por diferentes vieses.

### 4.1 O PRIMEIRO EXPERIMENTO MENTAL: O PROBLEMA DO MITO DO NAVIO DE TESEU DENTRO DA PERSPECTIVA DA NATUREZA HUMANA QUANDO APLICADO À BIOLOGIA CELULAR

A natureza humana pode ser compreendida não apenas pela forma anatômica e fisiológica humana, mas também pela capacidade de se desenvolver e interagir em um contexto humano pré-existente, seguindo um processo gradual de mudança e adaptação.

O problema do mito do navio de Teseu atribuído a Plutarco também é um paradoxo sobre substituição e manutenção. Nele tem-se a imagem de um navio em viagem em cujo interior existe material suficiente para que, ao longo da viagem, todas suas partes sejam substituídas. A pergunta resultante desse mito é se, uma vez que serão progressivamente

substituídas todas as partes do navio por outras novas, se tratar-se-á ou não do mesmo navio ao fim da viagem. Proponho com as devidas ressalvas, que tal paradoxo seja aplicado analogicamente ao processo que acontece nos corpos pluricelulares: a substituição ou renovação celular dos tecidos<sup>4</sup>. Um processo vital para manutenção da vida.

A possibilidade de o navio ser totalmente substituído em suas partes levanta várias questões e outras analogias, porém o objetivo não é esgotar o mito, mas antes repensar e entender que o mito do navio pode colaborar para entender melhor a natureza humana. E uma primeira questão a que chamo a atenção para essa comparação está no fato de que o mito pode estar propositalmente incompleto.

O fato de ter material suficiente para fazer os reparos do navio, não diz nada sobre onde serão depositadas as partes removidas. Explorando-o um pouco mais, vemos que essa incompletude desconsidera elementos importantes quando se fala de um sistema fechado, como uma característica imprescindível a esses sistemas: o balanço de massa.

Para qualquer sistema é essencial que exista um balanço da estrutura (na substituição de uma parte antiga por uma nova a antiga precisa ser removida, ou seja, como ser uma estrutura em decaimento que incorpora em si novos elementos extraídos de uma visão de sistema aberto). Outro elemento do mito é justamente o tempo da substituição (pois é necessária uma gradualidade no processo, não ocorre um desmonte de todo navio ao mesmo tempo e uma reconstrução, mas substituições específicas ao longo do tempo). Outro ponto, ligado ao anterior está no contexto, pois cada nova parte é inclusive moldada pelo contexto que a circunda (cada substituição é feita no seu local específico por uma peça de forma e constituição específica dadas pelo espaço deixado pela parte antiga, toda vez que surge a necessidade de substituir-se uma peça, a antiga é arrancada e ela deixa um espaço de forma e demandas determinadas, e então uma nova peça é inserida e substitui a antiga, esse é o contexto).

O balanço, a gradualidade e o contexto, serão e garantirão que o fato de se inserir uma peça nova tenha semelhantes propriedades e faça semelhantes relações, num nicho que está dentro de um contexto pré-existente, e só então se tornará parte estrutural do navio.

Essa analogia pode ser feita com um corpo humano, que ao longo da vida tem diversas novas células substituindo gradualmente as antigas, e cada célula nova incorpora-se num determinado contexto celular e passa a desempenhar sua função, mesmo que exista um crescimento desse corpo, as novas células são “postas” num contexto celular pré-existente. Esse pensamento é bem semelhante ao que foi proposto por Leibniz em seus Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano para o problema do navio de Teseu: “os corpos organizados, bem como outros, só permanecem os mesmos na aparência, e não se falarmos a rigor. É mais ou menos como um rio, que sempre muda de água, ou como o navio de Teseu, que os atenienses reparavam constantemente” (LEIBNIZ, 1966, p. 169).

4 Mesmo para os tecidos cujas células não são substituídas ao longo da vida, existe uma substituição das moléculas bioquímicas, processo sobre o qual pode-se fazer a mesma aplicação do proposto experimento mental.

As peças descartadas, assim como as células antigas, que não teriam mais as mesmas propriedades, e mesmo que tivessem, e mesmo que reunidas magicamente e viessem a formar uma nova estrutura idêntica à original, formariam um outro corpo, um outro indivíduo. Isso porque seria necessário construir um outro contexto novo, não descendente a um preexistente e sem a gradualidade do tempo para que cada parte se integre nas mesmas relações. E ainda assim, se fosse possível contornar essa gradualidade, as antigas células não desempenham mais as mesmas funções.

É verdade que o experimento se concentra em aspectos físicos, mas serve como ponto de partida para discutir como a natureza humana é moldada por um processo contínuo de mudança e adaptação dentro de um contexto pré-existente. As características intangíveis mencionadas, embora não explicitamente abordadas, podem ser vistas como aspectos que se desenvolvem e se integram nesse contexto.

Além disso, o experimento não nega a importância da origem e da história, mas sim propõe que esses fatores não definem exclusivamente a natureza humana. Indivíduos com origens diversas podem compartilhar características, relações e contextos semelhantes aos humanos, demonstrando sua pertença à humanidade.

Nesse caminho, podemos concluir que para se compreender algo sobre o conceito de natureza humana é necessário estar dentro desse conceito o fato de que seria então denominado humano tudo aquilo que sendo humano, permanece humano por manter-se com formato humano, pela gradualidade com que se desenvolve num contexto humano previamente existente no qual se estabelece.

#### 4.2 O SEGUNDO EXPERIMENTO MENTAL: O ZIGOTO SINTÉTICO, PARA DISCUTIR SOBRE A NATUREZA DE UM SER HUMANO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA REPRODUTIVA E CONTEXTUAL

A origem do ser humano como indivíduo, embora importante, não é o único determinante da natureza humana. Indivíduos com origens não tradicionais, mas que demonstram características, relações e contexto semelhantes aos humanos, podem ser considerados de natureza humana.

Primeiramente é importante entender-se que temos aqui a primeira célula do estado embrionário da pessoa humana: o zigoto<sup>5</sup>. Essa célula é a primeira que contém o *novo código genético* de um indivíduo. Ela é, a priori, capaz de se desenvolver se estiver implantada no útero humano e, de forma dependente do contexto uterino e outros elementos do corpo da gestante, se desenvolve multiplicando-se em mais células, que por sua vez especializam-se em tecidos e órgãos. Se completado o tempo médio de gestação, o zigoto desenvolvido (agora chamado de feto) nasce e pode tornar-se um sujeito de direitos, uma pessoa.

5 Denominação da célula-ovo formada imediatamente pela união dos gametas sexuais. No caso dos seres humanos, da união entre óvulo e espermatozoide.

Para esse experimento é preciso imaginar que seria possível a partir de avançadas tecnologias, mágica ou gênio, a habilidade de fabricar um zigoto a partir de matérias primas totalmente inorgânicas (ou seja, sem recorrer a qualquer matéria prima já transformada por um organismo vivo). Ou seja, o gênio seria capaz de fabricar um *zigoto sintético*, sem origem de gametas parentais, sem um material genético proveniente da combinação dos cromossomos parentais, apenas materiais sintéticos e uma sequência genética escolhida de forma aleatória.

Nesse experimento mental, o gênio iria secretamente implantar esse zigoto sintético num útero através de uma secreta inseminação artificial, no útero de uma mulher que pensa estar grávida.

Este *zigoto sintético* então implantado com sucesso passará pelos mesmos processos tidos como naturais e esperados para a espécie humana. Ele (ou ela) teria uma gestação normal, nasceria como mais um da sua espécie, cresceria e exibiria ao longo da sua existência semelhantes propriedades e relações como outros indivíduos da região. Até que então ele, ou ela, morreria dentro do que comumente observado para sua idade e contexto. E eis que então, apenas depois da sua morte seria revelado pelo gênio que não se tratava de *uma geração tida como natural* feita a partir dos gametas parentais, mas de *um zigoto totalmente sintético*.

Esse indivíduo, cuja origem fora totalmente sintética, feita a descoberta pelos outros da peculiaridade da sua origem, passará a ser considerado, só a partir de então, de uma outra natureza que não a natureza humana? As memórias das suas atitudes serão questionadas apenas depois da descoberta? Se escreveu livros, pintou quadros ou compôs suítes para violoncelo, essas seriam só então questionadas e reféns de investigações *ex-post-facto*?

Sendo que ele, em tese, alimentou-se “diretamente da teta, e enquanto existiu teve aparentemente “sempre todos os humores nele”, e fora “alimentado no seio de um ser” da sua espécie. Se considerarmos que quando em segredo não existe nenhuma percepção de uma origem distinta do *indivíduo sintético*, podemos inferir que esse “algo qualificado” está numa categoria subjetiva, já que não estaria numa categoria intersubjetiva e tão pouco objetiva. Logo, não seriam as características da origem a condição *sine qua non* para algo ou alguém ter uma natureza humana, mas sua capacidade de ter as mesmas características, relações e contexto.

Como última possibilidade do experimento mental, podemos chegar a uma reviravolta possível: depois de uma investigação *ex-post-facto* sobre o comportamento do indivíduo sintético foram apontadas várias questões sobre seu comportamento para justificar que ele, ou ela, tivesse uma outra natureza que não a humana. Nesse instante o gênio revela que nunca houve um *zigoto sintético*, que se tratava apenas de uma pessoa comum e que toda essa história fora inventada.

O experimento não pretende diluir o significado de ser humano, mas sim ampliar a compreensão do que significa fazer parte da humanidade. Ele convida a uma reflexão sobre

os critérios que definem a natureza humana e a possibilidade de novas formas de inteligência e consciência serem consideradas parte da nossa espécie. Além disso, apesar de o experimento mental buscar apenas ampliar a compreensão da humanidade, ele também pode ser equivocadamente interpretado como uma desumanização. Ao focar nas diferenças entre o zigoto sintético e os humanos ditos “naturais”, não há aqui nenhuma possibilidade de reforçar estereótipos e preconceitos existentes.

## CONCLUSÃO

Mesmo não encontrando-se nenhuma referência nos textos de Platão sobre uma possível conceituação de natureza humana por parte de Pródico, podemos propor com alguma segurança que, partindo-se da existência dos tratados de Pródico, pode-se supor que os tratados teriam um esforço para o uso mais correto da linguagem para esclarecer aqueles conceitos, quicá sobre a natureza humana.

O aparente problema do conceito de natureza humana, mais do que insolúvel, tem muito a dizer para os dias atuais. Ao fazermos uma breve genealogia das citações de Pródico de Céos como marco inicial e fio condutor para se observar o desenvolvimento do conceito de natureza humana, pudemos constatar que da sua concepção sofística humanística até a última citação analisada foram-lhe sendo agregados elementos essencialistas que não são necessariamente materialistas, mas que tem o que chamamos de *contexto humano* como um elemento essencial e intrínseco. Do seu possível início e formulação como questão filosófica até Galeno de Pérgamo, elementos como *areté*, ou mesmo elementos objetivos e estabelecimento de relações foram identificados como constituintes da natureza humana.

As citações dos trabalhos que recrutaram o conceito de natureza humana como justificativa para sustentar aqueles outros conceitos que chamamos de tributários são apenas demonstrações como prova de conceito do uso do conceito. Elas mostram de forma indubitável o recurso revisado por pares de cada área do uso de forma axiomática do conceito de natureza humana e não se trata aqui de críticas a esse uso. Neles pudemos constatar um padrão: ou faz-se um uso do conceito de natureza humana com num viés essencialista ou um uso como recurso hermenêutico que deposita no conceito as lacunas de explicação, mas que encontram algum respaldo na realidade. Com isso, uma possibilidade de aumentar as áreas de sobreposição e estabelecimento de diálogos sobre o início da vida e questões éticas e filosóficas seria justamente retomar o caminho genealógico do conceito de natureza humana e os dele tributários bem como seus respectivos usos nas diversas áreas do conhecimento que tratam dessa temática e a partir deles buscar novas perspectivas identificando quais elementos constituem tais conceitos amiúde.

Os experimentos mentais do navio de Teseu dentro da perspectiva da natureza humana quando aplicado à biologia celular e o do zigoto sintético são uma tentativa de instigar novas perspectivas para se abordar a questão do conceito de natureza humana. O primeiro com uma abordagem “biologizada” que retoma uma analogia do navio de Teseu com um sistema

biológico e depois uma ilação entre o comportamento de células com o estabelecimento de um indivíduo na sociedade. Esse experimento enfatiza e desloca o eixo de importância da origem do indivíduo como ponto de inflexão na reflexão sobre a natureza humana para um fato anterior: o fato da origem ocorrer num contexto humano prévio. O segundo experimento mental vai na mesma direção, escancarando a possibilidade de não ser apenas a origem, enquanto natureza daquilo que precede, o determinante da natureza humana, entretanto ser também a capacidade de ocupar um nicho complexo de forma, percepções e relações.

O conceito de natureza humana será um problema se seu objetivo for uma solução formal, mas poderá ser uma dúvida salutar na acepção filosófica da palavra. Além disso, percebemos que a antiguidade clássica tem muito a contribuir para o contexto atual. Adite-se que o presente texto não teve a menor pretensão de ser um compilado hercúleo sobre o conceito de natureza humana até os dias atuais, mas abrir novas perspectivas a partir do que foi apresentado e quiçá abrir caminhos para estudos posteriores.

Além disso, os resultados deste estudo podem ser interpretados de diferentes maneiras, dependendo das abordagens feitas. No entanto, eles oferecem uma base sólida para repensar o conceito de natureza humana e explorar novas possibilidades para o futuro da humanidade. É importante notar que este estudo não se baseia em uma única definição de natureza humana. Pelo contrário, ele reconhece a diversidade de perspectivas sobre este tema e busca contribuir para um debate mais amplo e inclusivo.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR. *Prodicó e Hipias*. Fragmentos y testimonios Biblioteca de iniciación filosófica, 1965.
- AMERICAN HEART ASSOCIATION. Destaques das diretrizes de RCP e ACE de 2020. Texas: American Heart Association, 2020, 32 p.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- AGUILAR. *Prodicó e Hipias*. Fragmentos y testimonios Biblioteca de iniciación filosófica, 1965.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10 eds. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BARRETTO V de P, LAUXEN ECU. O marco inicial da vida humana: perspectivas ético-jurídicas no contexto dos avanços biotecnológicos. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2017;33(6):e00071816. Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00071816>.
- BRITO, A. N. de. (2010). Falácia naturalista e naturalismo moral: do é ao deve mediante o quero. *Kriterion: Revista De Filosofia*, 51(121), 215–226. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000100011>.
- BROWN, James Robert; Fehige, Yiftach. “Thought Experiments”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2023 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/win2023/entries/thought-experiment/>>.
- CASTRO, FS; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. *Psicol Reflex Crit* [Internet]. 2011;24(4):798–809. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400021>.

CAIRUS, H.F.; RIBEIRO J., WA. Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. História e Saúde collection. 252 p. ISBN 978-85-7541-375-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CAIRUS, H. Da natureza do homem Corpus hippocraticum. Hist cienc saude-Manguinhos [Internet]. 1999Jul;6(2):395–430. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300009>.

CRIVELLATO, E.; RIBATTI, D. *Soul, mind, brain: Greek philosophy and the birth of neuroscience*. Brain Research Bulletin, 71, 2007. P. 327-336.

CUNHA, Anderson Santana. Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. Filogenese (3)1, 2010, p.183 – 194.

CUNHA, Marco Tulio Rodrigues da; Uhlemann, Danilo. Utilização de uma fórmula para verificar a satisfação do paciente, analisando a expectativa e associando programação neurolinguística, para potencializar os resultados. Rev Bras Cir Plást [Internet]. 2018;33(4):536–40. Available from: <https://doi.org/10.5935/2177-1235.2018RBCP0175>.

DIRK, Obbink, (ed.) *Philodemus on Piety: Part 1, Critical Text with Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1996. [tradução minha]

GAGARIN, Michael. *Antiphon the Athenian. Oratory, law, and justice in the age of the sophists*. Austin: university of Texas, 2002.

IVANOVIC-ZUVIC, F. (2004). Consideraciones epistemológicas sobre la medicina y las enfermedades mentales en la Antigua Grecia. Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria, 42(3), 163-175.

JAEGGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.26.

KESSELRING; Veiga-Neto. Episteme (Porto Alegre): filosofia e história das ciências em revista. Porto Alegre. N. 11 (jul./dez. 2000), p. 153-172.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1966, p. 169.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; RIBEIRO, Elton Vitoriano *in* Vaz; Henrique C. de Lima, *Antropologia Filosófica*, 2020, p. 11.

PINTO, Maria José Vaz. *Sofistas*. Testemunhos e Fragmentos. Introdução. Trad. Ana Alexandre Alves de Souza, Maria José Vaz Pinto. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa. 2005.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. A falta da falta e o objeto da angústia. Estud psicol (Campinas) [Internet]. 2009Jan;26(1):101–7. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100011>.

PLATÃO. *Protágoras*. Tradução de José Cavalcante de Souza. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 1987. 97 p.

PLATÃO. *Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2002. 153 p.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Maria Lacerda de Moura. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1991. 142 p.

PORTO, M. A. T., Moreira, M. F. S., & Simão, M. C. F. (2001). Anatomia e fisiologia na Idade Trágica dos gregos. Mneme Revista de Humanidades, 2(4) 1-15.

REALE, G. (2002). *Corpo, alma e saúde: O conceito de homem de Homero a Platão*. São Paulo, SP: Paulus.

ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os sofistas*. Tradução João Amado. São Paulo: Edições 70, 1986.

SNELL, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001.

SOUSA, Franciele Vaz de. *Pródico e a Sophia: apanágios da sofístico-filosofia*. Marília, 2021, 119 f.

SANTOS, M-E. *Desafios pedagógicos para o século XXI*. Suas raízes em fontes de mudança de natureza científica, tecnológica e social, Livros Horizonte: Lisboa, 1999, p. 112.

TABOSA, Adriana Santos; HYPNOS, São Paulo, número 26, 1º semestre 2011, p. 160-169.